



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

O MOSQUITO (1869-1877)¹ - O ano de 1875 iniciaria um novo e fundamental capítulo na história d'*O Mosquito* em termos comerciais, administrativos e sobretudo em seu projeto artístico, para o qual a entrada do caricaturista português Rafael Bordalo Pinheiro (1846-1905) foi determinante. A publicação que media 30,5 x 23 cm e tinha oito páginas, metade destas ilustradas (capa, páginas centrais e final), iniciou o ano aumentando de formato, passando a 46,5 x 31,5 cm e diminuindo o número de páginas para quatro, agora sem ilustração na primeira página. Adotou ainda a distribuição dos textos em três colunas – antes eram duas – e concentrou as ilustrações apenas nas duas páginas centrais. Além dos aspectos gráficos, em meados deste ano também terminaria a sociedade de Manuel Rodrigues Carneiro Junior (18? -?) e Angelo Agostini (1843-1910), cuja parceria se iniciou no final de 1871. Agostini, além de proprietário era o principal ilustrador da folha ilustrada, tendo assim permanecido até junho daquele ano. A novidade foi a contratação de Bordalo Pinheiro, ainda em Lisboa, por Carneiro Junior. A estreia do caricaturista no N° 313, de 11 de setembro, narrou em imagens sua viagem² de Portugal, povoada de imaginários sobre o Brasil e logo confrontados com a recepção dos amigos, o luxo e a beleza feminina.

Do final de 1875 até meados de 1876, o jornal contou com a colaboração conjunta dos caricaturistas Bordalo Pinheiro, Cândido Aragonês de Faria (1849-1911) – fundador do periódico e proprietário do mesmo até, pelo menos, meados de 1871 – e Antônio Alves do Valle de Sousa Pinto (1846-1921), este último também português. A novidade foi noticiada com um desenho de Bordalo onde “as três graças”³ foram apresentadas com a promessa de fazer rir até “as pedras”. Os artistas alternavam-se semanalmente, em algumas ocasiões, colaboravam juntos no mesmo número, tendo chegado a desenhar uma mesma página, como no N° 328⁴ em que Bordalo e Faria comentaram uma viagem do Imperador ao exterior. Uma das formas que os caricaturistas encontraram para imprimir a sua marca no periódico, além das peculiaridades do traço, foram os autorretratos ao lado de suas criações, algo que Bordalo já fazia em Lisboa e continuaria durante toda sua produção posterior.

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/omosquito.htm>

² http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1875/N313/N313_item1/P2.html

³ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1875/N326/N326_item1/P2.html

⁴ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1875/N328/N328_item1/P2.html

As ilustrações publicadas utilizavam a técnica da litografia, no entanto, a indicação das oficinas litográficas só começaria a aparecer no final de 1875. As oficinas citadas foram: Lith. do Valente, Hospício 101 e Lith de Almeida Marques & C., Rua Nova do Ouvidor, 33 (Hoje Travessa do Ouvidor). Por outro lado, as tipografias foram referidas desde o primeiro ano e variaram bastante ao longo da publicação. A primeira foi a Typ. De D. L. dos Santos, na Rua Nova do Ouvidor, nº 20. Depois na Typ. Da Opinião Liberal, na Rua d’Ajuda, 16; Typ. Franco-Americana, na rua da Ajuda, 18; Nova Typ. De J. P. Hildebrandt, R. d’Alfandega 93; Typ. Fluminense, Rua Evaristo da Veiga, 5; Typ. Da Gazeta de Notícias, rua do Ouvidor, 70 e, por fim, na Typ. de Almeida Marques & C., Rua Nova do Ouvidor, 33; O escritório da redação alternou-se em endereços da Rua do Ouvidor, Rua dos Ourives e Rua Nova do Ouvidor, todos no centro do Rio de Janeiro, então capital da Corte.

A partir de janeiro de 1876 a mão de Bordalo Pinheiro fez-se cada vez mais presente e, desde então, a sua assinatura apareceria em quase todas as primeiras páginas do periódico. Até o final de 1875 a folha ilustrada apresentou um cabeçalho que ocupava apenas a parte superior da página e era composto fundamentalmente por letras. Mas o N° 329⁵, em diálogo com a capa da *Lanterna Mágica* (1875) de Lisboa, alteraria a composição gráfica d’*O Mosquito*. O artista preencheu toda a página com uma vegetação exuberante, animais, aves, indígenas, uma mulher negra, uma jovem branca deitada numa rede, quase todos lendo o jornal humorístico. Também inseriu no cabeçalho o personagem-título do jornal, o “Mosquito”, apresentado desde os primeiros números vestido como um arlequim. Este agora aparecia usando saia e cocar de penas, arco e flecha em punho – sendo que a flecha era um lápis litográfico – , voando nas costas de um enorme mosquito. Essa capa durou do N.º 329 ao 339. Após um breve retorno ao cabeçalho tradicional, com ausência de figuras e tendo apenas as letras do nome da publicação penduradas num lápis litográfico, o cabeçalho voltaria a apresentar uma ilustração, agora sintetizada, ocupando apenas a parte superior da primeira página. Permitiria assim a introdução de desenhos na parte inferior da página, os quais variavam em cada semana. No entanto, manteria os elementos vegetais e algumas figuras humanas e animais, bem como a personagem-título⁶, novamente vestida como arlequim.

Em 1876 a publicação retornaria ao seu formato e dimensão iniciais, mantendo nas páginas a proporção equilibrada entre textos e ilustrações. Uma novidade destaca-se

⁵ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1876/N329/N329_item1/index.html

⁶ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1876/N348/N348_item1/index.html

neste ano: a introdução de publicidade. A segunda página foi ocupada por anúncios simples, apenas com apresentações textuais dos produtos, semelhante a um jornal diário. Diferente das outras páginas, cuja divisão era feita em duas colunas, esta possuía uma paginação particular com três colunas, abrindo espaço para um número maior de anúncios. Já a última página foi destinada à publicidade ilustrada, a qual era criada pelos ilustradores do jornal.

A parte ilustrada do periódico é quase toda passível de identificação através das assinaturas dos desenhos. Além dos artistas citados acima, nos anos iniciais da publicação, colaboraram os brasileiros João Pinheiro Guimarães (18? -?) e Flumem Junius (Ernesto Augusto de Sousa e Silva e Rio, 18? - 1905). Já a parte literária, em quase sua totalidade, não foi assinada ou foi apenas assinada por pseudônimos como Bob, Gryphus, Sphynx, A. Fava, entre outros, sem fornecer informações claras no sentido da identificação desses colaboradores. A seção de maior longevidade foi denominada “Salpicos”. Apareceu no segundo ano da folha ilustrada e manteve-se por quase todos os números. Caracterizava-se por comentários rápidos, às vezes críticos ou mesmo ácidos dos vários assuntos da semana, uma espécie de caricatura textual da revista, sobretudo quando passou a ser assinada pelo pseudônimo Bob, a partir de 1872. A seção denominada “Expediente” esteve presente na revista desde 1871 até ao seu último ano. Ali eram publicados os nomes de diversas publicações oferecidas ao periódico, como revistas, jornais e livros

Nos anos iniciais *O Mosquito* possuía subtítulos cuja ideia era reafirmar as suas características. Assim, em 19 de setembro de 1869, quando foi apresentado ao público, chamava-se “*O Mosquito – jornal caricato e crítico*”. Em 1870, o subtítulo mudaria para “*Jornal Caricato, Satyrico e Illustrado*”. A partir de 1872 desaparecem os subtítulos. Entretanto, o programa apresentado no primeiro número, no qual anunciava que iria “Beliscar, subtilmente, a humanidade; enterrar mesmo o ferrão em certos preconceitos e [abuções] da nossa sociedade”, não apenas se manteria, como seria aprimorado ao longo dos seus 416 números ao enfrentar temas pungentes no Brasil daqueles anos.

Além da crítica de costumes, ocuparam as páginas da publicação temas sociais, políticos e culturais. A chamada “Questão Religiosa”, iniciada com a oposição entre Igreja e Maçonaria, acabaria por ganhar *status* de assunto de Estado e foi um dos temas mais discutidos e ilustrados ao longo da década de 1870 pelo periódico. A postura anticlerical do jornal pode ser observada tanto na abordagem das relações do governo com a Igreja, quanto em críticas a periódicos católicos, como *O Apóstolo*

(1866-1901). O diretor e fundador desta publicação, o cónego José Gonçalves Ferreira (1826-1883), foi inúmeras vezes satirizado com traje de padre em formas bastante arredondadas. A publicação exigia ações do Imperador D. Pedro II (1825-1891), ao mesmo tempo que exaltava nomes como o do político e grão-mestre da maçonaria Saldanha Marinho (1816-1892), ou ainda atacava figuras religiosas, associando a Igreja ao atraso e obscurantismo. No N.º 314⁷, de 14 de setembro de 1875, Bordalo Pinheiro mostrou o Imperador dando a mão à palmatória ao Papa Pio IX (1792-1878), em total submissão à Igreja.

Personagens da política brasileira do período foram protagonistas de ilustrações memoráveis de Bordalo Pinheiro, como n' "A Grande Orchestra"⁸. A imagem publicada no N.º 354 mostra D. Pedro II, com mala na mão e traje civil, passando instruções à sua filha, a Princesa Isabel (1846-1921), encarregada de reger o governo, transformado literalmente em uma grande orquestra, cujos músicos – figuras da política brasileira no momento – são retratados a fim de serem identificados pelo público. O interesse de Bordalo pelos temas culturais sempre esteve presente nas suas publicações e *n'O Mosquito* não foi diferente. Passaria das metáforas políticas à promoção de artistas como na defesa da peça de teatro "Os Lazaristas"⁹ do português António Enes (1848-1901). As lembranças de sua terra natal também se fizeram presentes na publicação em diversos momentos. Desde uma sensível homenagem, oferecida ao pai, por ocasião da morte de sua mãe através de "Páginas íntimas"¹⁰, passando pelo retrato satírico de Alexandre Herculano¹¹, ou ainda pelas aparições do seu personagem mais famoso, o "Zé Povinho". Também esteve atento à situação do imigrante português no Brasil. A personagem "Manel Trinta Botões", criação de Bordalo n' *O Mosquito*, foi uma resposta ao discurso do deputado da província do Rio de Janeiro Fernando Francisco Costa Ferraz acerca do imigrante português. Apresentada ao público no N.º 327¹², a imagem dialoga com estereótipos associados aos portugueses no Brasil através do traje e do tamanco. O tema também foi evocado no N.º 356 em "Entre a Cruz e a Caldeirinha"¹³, onde o "Manel", puxado pelos governos de dois lados do Atlântico, vê-se entre a difícil situação no Brasil – agravada pela presença da febre amarela – e as suas não melhores possibilidades em Portugal, caracterizada por símbolos nacionais como o Tejo e a Torre de Belém, no meio de uma

⁷ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1875/N314/N314_item1/P3.html

⁸ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1876/N354/N354_item1/P4.html

⁹ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1875/N319/N319_item1/P2.html

¹⁰ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1876/N383/N383_item1/P4.html

¹¹ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1876/N375/N375_item1/P1.html

¹² http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1875/N327/N327_item1/P2.html

¹³ http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/omosquito/1876/N356/N356_item1/P4.html

vegetação morta.

A partir de agosto de 1876, as ilustrações passariam a ser assinadas exclusivamente por Bordalo, indício de que se poderia ter tornado proprietário da revista, como afirma José-Augusto França (1980). Em 24 de maio de 1877 foi publicado o último número. O periódico não circulou mais e não ofereceu nenhum aviso ao leitor acerca do encerramento de suas atividades. Alguns estudiosos da imprensa (LIMA, 1963; SODRÉ, 1999; MAGNO, 2012) afirmam que a publicação teria sido absorvida pela *Revista Illustrada* (1876-1898). O *Mequetrefe*, no Nº 105, de 6 de julho de 1877, diz que *O Mosquito* “morreu sem ninguém perceber: teve a morte do justo. Vai agora ser exumado para as pratelleiras dos Musêos, encher-se de pó e de esquecimento.” O *Mequetrefe* tinha alguma razão ao afirmar que *O Mosquito* iria para as prateleiras de um Museu, mas errou bastante quanto ao esquecimento, ao contrário, este ganhou o mundo em versão digital.

Rosangela de Jesus Silva, Lisboa, Maio de 2019.

Bibliografia

FRANÇA, J. A. - *Rafael Bordalo Pinheiro o português tal e qual*. Lisboa : Livraria Bertrand, 1980.

LIMA, H. - *História da Caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro : José Olympio, 1963.

MAGNO, L. - *História da caricatura brasileira: Precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro : Gala Edições de Arte, 2012.

SODRÉ, N. W. - *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro : Mauad, 1999.